

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

IANA FERREIRA SILVA

**A casa de um casal jovem – a constituição dos espaços da  
casa como campo de símbolos expressivos do processo de  
construção da conjugalidade**

São Paulo

2016

**IANA FERREIRA SILVA**

**A casa de um casal jovem – a constituição dos espaços da casa como campo de símbolos expressivos do processo de construção da conjugalidade**

(VERSÃO CORRIGIDA)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Villares de Freitas.

**São Paulo**

**2016**

NÃO AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Silva, Iana Ferreira.

A casa de um casal jovem – a constituição dos espaços da casa como campo de símbolos expressivos do processo de construção da conjugalidade / Iana Ferreira Silva; orientadora Laura Villares de Freitas. -- São Paulo, 2016.

238 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia analítica 2. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 3. Conjugalidade 4. Casa 5. Casal 6. Símbolos I. Título.

RC504

Nome: Iana Ferreira Silva

Título: **A casa de um casal jovem** – a constituição dos espaços da casa como campo de símbolos expressivos do processo de construção da conjugalidade

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Villares de Freitas.

Aprovada em 09 de dezembro de 2016

Prof. (a) Dr. (a): \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. (a) Dr. (a): \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. (a) Dr. (a): \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

*A meus pais, in memoriam*

## **AGRADECIMENTOS**

À Laura Villares de Freitas, minha orientadora, por ter sido uma guia excepcional nessa jornada. Agradeço em especial pelo interesse tão genuíno e pela disponibilidade, sabedoria, paciência, firmeza e confiança, sem as quais esse trabalho não teria sido de fato construído.

Ao grupo da pós, em especial, à Tânia, Patrícia, Adriana, Anna, Pauline, Flora e Luisa, pelos encontros que sempre trouxeram importantes contribuições e entusiasmo.

Aos amigos que estiveram atentos e disponíveis para auxiliar com o texto e com as ideias, especialmente à Sílvia Valentini, pelas observações sobre o material expressivo, pelas conversas sem hora para começar ou acabar e pela incrível leitura na reta final.

Aos meus amigos das antigas, que continuaram por perto, com muita paciência a respeito desse longo período de ausência e imersão em outras paragens.

Ao meu analista, Paulo Corazza, com quem estive em parte desse trajeto e que foi decisivo para muitas transformações e para estabelecer a coragem de seguir, oferecendo-me sempre novas formas de enxergar a mim mesma e à vida.

À minha família, em especial às minhas filhas, Marilha e Marcela, pelo apoio, carinho, enorme paciência e pela incrível autonomia que construíram até aqui e que tornou possível que eu me liberasse para estar quase totalmente imersa em vários períodos nesta pesquisa. Agradeço imensamente pela presença de vocês na minha vida.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2014/04304-7, pelo apoio financeiro e institucional.

## RESUMO

SILVA, I. F. **A casa de um casal jovem** – a constituição dos espaços da casa como campo de símbolos expressivos do processo de construção da conjugalidade, 238 ff, Dissertação (Mestrado), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Esta pesquisa se insere no âmbito dos estudos sobre as relações familiares, enfocando mais especificamente a conjugalidade da maneira como é vivida nos tempos atuais. Trata-se de um tema complexo, já que os arranjos e dinâmicas de interação nos casamentos vêm se transformando e ganharam nas últimas décadas diversidade e liberdade muito maiores quando comparadas aos padrões antigos. O ponto de partida que motivou esta pesquisa foi a ideia de que a conjugalidade permanece como uma experiência viva e significativa para o homem e a mulher nos dias de hoje. Para tentar compreender um pouco mais dessa experiência em sua condição atual, tomou-se neste trabalho a origem etimológica de palavras como casamento e casal, que aproxima tais fenômenos de outra importante experiência humana que é a casa. A ideia foi a de que, ao remontar a essa origem comum, fosse possível observar o que ainda hoje se mantém vivo na experiência da conjugalidade, ancorado em substratos profundos da psique inconsciente, e o que são manifestações suscetíveis a mudanças de acordo com o contexto sociocultural das diferentes épocas. O objetivo do presente trabalho consistiu, então, em observar como ocorre a construção da conjugalidade nos dias de hoje – sua riqueza e seus desafios –, tomando para isso os símbolos que emergem na constituição dos espaços da casa como expressões de aspectos psíquicos mobilizados na relação conjugal contemporânea, além de levantar as possibilidades de mudança da consciência que tais símbolos representam. O presente estudo teve como referência teórica principal a psicologia analítica de Jung, mas buscou também contribuições de áreas de interface, como a Sociologia, a Antropologia, a História, a Arte, a Filosofia e a Arquitetura. O método consistiu no estudo de caso de um casal formado por um homem e uma mulher de menos de 30 anos, sem filhos e morando juntos em função de casamento formal. Foram feitos oito encontros, incluindo uma visita à casa do casal, nos quais se realizaram entrevistas abertas, produção de material fotográfico e atividades com técnicas expressivas, como a escrita, o desenho e a pintura, tendo como tema a relação conjugal e a casa. O material levantado foi analisado também com base no processamento simbólico-arquetípico, que, fundamentado nos referenciais indicados por Jung, tem como um de seus eixos principais a ideia de que o símbolo é o fenômeno psíquico que melhor expressa fatos relativamente desconhecidos, permitindo, assim, uma ampliação da consciência e algum acesso a conteúdos inconscientes, os quais estão na base das experiências humanas em geral e muito especialmente nos vínculos afetivos. Espera-se que esta aproximação ao tema contribua para uma compreensão aberta, flexível e atualizada das configurações dos relacionamentos contemporâneos e possa trazer aprofundamentos significativos para o trabalho com tais questões, que são centrais no contexto da pesquisa e da prática em psicologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Analítica. Carl Gustav Jung. Conjugalidade. Casa. Casal. Símbolos.

## ABSTRACT

SILVA, I. F. **A young couple's house** – the space constitution in a house as a field for expressive symbols of the process of conjugality construction, 238 ff, Dissertation (Master Degree), *Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo* (São Paulo University Psychology Institute), São Paulo, 2016.

The present work belongs in the scope of family relationships studies, here focusing conjugality in the way it is currently experienced. This is a complex issue, since the structures and interaction dynamics in marriages have been transformed and gained, in recent decades, much greater diversity and freedom when compared to old patterns. The starting point motivating this research was the idea that conjugality remains as a living and meaningful experience for both men and women these days. In order to try and understand a little more about this experience in its current condition, this work embraced the etymological origin of words such as marriage and couple (*casamento* and *casal* in Portuguese), which approach these phenomena to another important human experience that is home (*casa* in Portuguese). The idea was that, at going back to this common origin, it would be possible to observe what aspects of the experience of conjugality remains alive, anchored in deep unconscious psyche substrates, and what manifestations susceptible to changes according to the sociocultural context in different times are. The aim here was, then, observe how the construction of conjugality happens nowadays – its wealth and its challenges – taking to it the symbols that emerge in the constitution of spaces in the house as expressions of psychic aspects mobilized in a contemporary marital relationship, as well as raising the possibilities of awakening that such symbols represent. The present study had Jung's analytical psychology as theoretical reference, but it also sought for contributions from interface areas such as sociology, anthropology, history, art, philosophy, and architecture. The method consisted in the case study of a couple formed by a man and a woman under 30 years old, with no children and living together due to a formal marriage. Eight meetings were held, including a visit to the couple's house, in which open interviews were conducted, along with photographic material production and activities involving expressive techniques such as writing, drawing and painting, having as theme the marital relationship and the house. The collected material was analyzed based on symbolic-archetypal processing, which, based on the principles referred by Jung, has as one of its main axes the idea that the symbol is the psychic phenomenon which best expresses relatively unknown facts. This thus allows an expansion of consciousness and some access to unconscious content, which are at the basis of human experience in general, and especially in affective bonds. It is expected that this approach to the subject contributes to an open, flexible and up-to-date understanding of contemporary relationships configurations and may bring significant insights to the work with such issues, which are central in the research context and practice in psychology.

**KEYWORDS:** Analytical Psychology. Carl Gustav Jung. Conjugality. House. Couple. Symbols.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE 1 – PESSOAS	18
1.1 O CASAMENTO, EXPERIÊNCIA ESSENCIALMENTE HUMANA	20
1.2 O CASAMENTO EM IMAGENS MÍTICAS	22
1.3 O CASAMENTO EM SEUS ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS	31
1.3.1 CASAMENTO E CONJUGALIDADE NO MUNDO	31
1.3.2 CASAMENTO E CONJUGALIDADE NO BRASIL	37
PARTE 2 – CASAS	43
2.1 A CASA, EXPERIÊNCIA ESSENCIAL DO SER HUMANO	45
2.2 A CASA NO TEMPO, UMA HISTÓRIA	49
2.2.1 CASAS NO MUNDO	49
2.2.2 CASAS NO BRASIL	60
2.3 HABITAR: VIVIFICAR A CASA E SER VIVIFICADO POR ELA	66
PARTE 3 – RITOS	71
3.1 RITOS E RITUAIS, ASPECTOS GERAIS	73
3.2 RITOS DE PASSAGEM	76
3.3 RITOS DE CASAMENTO	79
3.3.1. RITUAIS DE CASAMENTO NA HISTÓRIA	80
3.3.2. RITUAIS DE CASAMENTO HOJE: A PASSAGEM À COABITAÇÃO COMO RITO CONTEMPORÂNEO	85
3.4 RITOS DE FUNDAÇÃO	88
PARTE 4 – PSICOLOGIA ANALÍTICA	93
4.1 BASES GERAIS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	95
4.2 A CONJUGALIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA	109
PARTE 5 – O PROJETO	123
5.1 OBJETIVOS	125
5.2 MATERIAL E MÉTODO	125
5.2 COLETA DE DADOS – DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	131
5.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	134
PARTE 6 – CAMPO	137
APRESENTAÇÃO	138

6.1	O CASAL	139
6.2	A CASA E O CASAMENTO NAS NARRATIVAS E IMAGENS	146
6.2.1	CASAS DE ORIGEM	146
6.2.2	AS CASAS DO NAMORO E AS CASAS ITINERANTES DAS VIAGENS – AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DO ESPAÇO COMPARTILHADO	156
6.2.3	QUEM QUER UMA CASA... CASA	159
6.2.4	CASAMENTO, CASA, RELIGIOSIDADE E A NECESSIDADE DE UMA CERTA CERIMÔNIA	165
6.2.5	DEPOIS DO CASAMENTO UMA CASA PROVISÓRIA, UMA PASSAGEM	170
6.2.6	O ESPAÇO DESVIRGINADO, A ENTRADA NA CASA DEFINITIVA	175
6.2.6	A MINHA, A SUA E A NOSSA CASA – DIVISÕES E COMPOSIÇÕES	184
6.3	A CASA VIVA E EM TRANSFORMAÇÃO, CONSTANTE ESPELHO DO SELF CONJUGAL	190
6.5	A CASA VISITADA, O OLHAR DE QUEM CHEGA	195
	PARTE 7 – FINAL	200
7.	CONCLUSÕES	203
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	224
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	226
	ANEXO I – CONVITE PARA COLABORAÇÃO NO PRÉ-TESTE E NA PESQUISA	235
	ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	236
	ANEXO III – MATERIAL DAS ATIVIDADES EXPRESSIVAS	239

## INTRODUÇÃO

---

Esta pesquisa se insere no âmbito dos estudos sobre as relações familiares, enfocando mais especificamente a conjugalidade, da maneira como é vivida nos tempos atuais. Trata-se de um tema complexo, já que os arranjos e dinâmicas de interação nos casamentos vêm se transformando e ganharam nas últimas décadas diversidade e liberdade muito maiores, quando comparadas aos padrões antigos. Este quadro tem feito com que muitas pessoas, leigos e estudiosos, o identifiquem como um processo de desestruturação e aniquilamento das relações.

O ponto de partida que motivou esta pesquisa foi a ideia de que a conjugalidade, ainda que atravesse um momento de crise – já que crise tem a ver, sim, com ruptura, desconstrução, quebras e mudanças mais radicais –, permanece como uma experiência viva e significativa para o homem e para a mulher nos dias de hoje. Justamente por isso ainda existe um forte anseio por ela, mesmo depois de tantas revoluções socioculturais.

Para tentar compreender um pouco mais da complexidade da condição atual das relações amorosas e especialmente dos relacionamentos conjugais e investigar aspectos ocultos sob o véu de tantas mudanças importantes e ainda em andamento, tomamos neste trabalho a origem etimológica de palavras como casamento e casal, que aproximam tais fenômenos de outra importante experiência humana que é a casa. “Casal” vem do latim *casalis*, que significa “referente a uma casa”, e “casamento” vem de outra palavra latina, *casamentum*, que significa “terreno com uma habitação instalada”.

A ideia é a de que ao remontar a essa origem comum seja possível observar o que ainda hoje se mantém vivo na experiência da conjugalidade, ancorado em substratos profundos da psique inconsciente, como os arquétipos da *coniunctio*, do *self*, do *animus* e da *anima*, e o que são manifestações suscetíveis a mudanças de acordo com o contexto sociocultural das diferentes épocas. Estes últimos aspectos não ameaçariam a validade e significado verdadeiro dos vínculos afetivos tal como são vividos atualmente.

A fim de fazer as observações a que nos propomos neste estudo, a relação conjugal será considerada, portanto, sob o ponto de vista da constituição da casa de um casal.

Para contextualizar o que aqui se pretende estudar, devemos lembrar que no final do século passado, uma grande variedade de organizações familiares alternativas, dificilmente imaginada em épocas anteriores, teve lugar, inclusive no Brasil, o que abalou fortemente a prevalência da família nuclear conjugal – pai, mãe e filhos.

Estas antigas instituições humanas que são o casamento e a família chegaram à contemporaneidade enfrentando uma série de transformações, que determinaram o surgimento de inúmeros novos arranjos dos grupos familiares. Isso deu origem à família pós-moderna, ou pluralista, como vem sendo chamada em virtude das diversas formas alternativas de convivência e vínculos que apresenta.

Nos dias de hoje, encontramos grupos familiares que ainda reproduzem a organização da família conjugal nuclear e muitos outros, que vivem uma diversidade de configurações. Estamos nos referindo a relações hetero e homoafetivas, casamentos sucessivos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões, casais homossexuais que optam pela adoção de crianças ou pela reprodução assistida, “produções independentes”, famílias monoparentais, grupos de mães solteiras ou separadas que se organizam para compartilhar a criação de seus filhos, pais que também se incumbem exclusivamente da criação dos filhos e outras estruturas radicalmente novas, como as dos grupos de poliamor<sup>1</sup>.

Nos casamentos sem filhos (por opção ou não) – foco deste trabalho – também uma diversidade de arranjos pode acontecer, sendo possível que os parceiros optem por uniões formais ou informais, escolham relações mais ou menos abertas e que até mesmo a casa coabitada, que antes era um marco da passagem para a vida conjugal, hoje se constitua como uma opção a ser feita ou não pelos parceiros.

Embora se fale comumente que vivemos tempos de individualismo, competitividade e consumismo crescentes e que estes fatores adentram também as relações pessoais – tema sobre o qual se debruçam grandes estudiosos, como Baumann, Singly e Giddens (para mencionar apenas alguns dos que serão tomados nesta pesquisa) –, vemos a constituição do vínculo com um parceiro ou parceira ainda ocupar um lugar relevante na vida de homens e mulheres.

---

<sup>1</sup> Relações amorosas que não se baseiam na monogamia nem na ideia romântica de completude em um parceiro amoroso. O movimento surgiu há cerca de 20 anos nos EUA. Seus adeptos vivem relações não monogâmicas, que eles definem como sendo diferentes das relações abertas, pois não se trata de relações casuais fora do casamento. Os vínculos estão mais baseados no amor do que no sexo, com diversificadas formas e configurações, que podem incluir duas ou mais pessoas e que seguem regras consensuais e também mutáveis muito bem explicitadas e acordadas entre os parceiros (LINS, 2005).

Essa percepção surgiu, em parte, na experiência clínica da pesquisadora, na qual o tema dos relacionamentos amorosos, o desejo, as expectativas e as dificuldades vividas a respeito disso, se apresentavam com grande constância como questão central de grande parte dos atendimentos e dos processos terapêuticos dos pacientes.

Dados estatísticos também mostram que, apesar de uma tendência mundial de cada vez mais homens e mulheres morarem sozinhos, o número de pessoas casadas ou que dividem a casa com familiares ainda é bem maior. Por exemplo, na Inglaterra, o índice de domicílios habitados por uma única pessoa é de apenas 30%. Nos Estados Unidos, chega somente aos 25%, sendo que apenas em Nova York, a meca dos solteiros, esse índice alcança um pouco mais da metade da população (50,6%) (JORDÃO; LOES, 2009).

No Brasil, a tendência é semelhante. De acordo com a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), feita em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 12,1% dos brasileiros não dividem o teto com ninguém. Embora esse índice venha aumentando – há dez anos era de 8,4% –, a grande maioria das pessoas no Brasil não vive só (IBGE, 2010).

Vale apontar que a tendência de se morar sozinho começou a surgir há três décadas, com o aumento da expectativa de vida da população mundial. Pessoas idosas, viúvos e viúvas, em especial nos grandes centros urbanos, tiveram que começar a enfrentar o cotidiano por conta própria, longe inclusive das famílias. Aos poucos é que o perfil das pessoas que vivem sozinhas foi se transformando e isso passou a ser uma opção de jovens que se tornavam financeiramente independentes e que desejavam ter uma casa apenas para si (JORDÃO; LOES, 2009; MINAYO, 2002).

No Brasil, a maioria da população que mora só é de pessoas mais velhas que são obrigadas a enfrentar o cotidiano sozinhas – 40% têm mais de 60 anos. Aos poucos, as faixas etárias dos mais jovens aumentam as estatísticas dos que habitam um domicílio sem acompanhantes, sendo que hoje 11,4% têm entre 20 e 29 anos, e 13,2% têm entre 30 e 39 anos. Segundo análises do IBGE (2010), essas modificações mais recentes estão associadas às melhorias das condições de vida da população brasileira.

É possível ainda mencionar como um dos retratos mais eloquentes do paradoxo atual a respeito das relações afetivas a busca pela normatização e pelos direitos ao casamento, à adoção e à constituição de uma vida familiar, com todas as garantias legais aí implicadas, empreendida por casais homoafetivos, justamente aquelas pessoas que tiveram que se

empenhar por muitas décadas em longas batalhas contra uma série de convenções e instituições sociais.

Como aponta Roudinesco (1994), coloca-se diante de nós uma situação que estudiosos de nenhuma área haviam imaginado e para a qual temos poucas explicações. A autora diz:

O que aconteceu então nos últimos trinta anos na sociedade ocidental para que sujeitos qualificados alternadamente de sodomitas, invertidos, perversos ou doentes mentais tenham desejado não apenas serem reconhecidos como cidadãos integrais, mas adotarem a ordem familiar que tanto contribuiu para o seu infortúnio? Por que esse *desejo de família*, inclusive considerando que a homossexualidade sempre foi repelida da instituição casamento e da filiação, a ponto de se tornar, ao longo dos séculos, o significante maior de um princípio de exclusão? (ROUDINESCO, 1994, p. 7, grifo do autor).

Concordamos que esse aspecto nos remete novamente à complexidade, possíveis incoerências, ambiguidades e mistérios sobre o papel que as relações amorosas têm para o homem e a mulher contemporâneos e sobre o lugar que esses vínculos ocupam nos dias atuais.

É certo que o tema abarca muitas variáveis. Por exemplo, nem sempre o casamento ou a coabitação é uma escolha dos parceiros ou das pessoas envolvidas. Questões financeiras e dificuldades com as tarefas do dia-a-dia, como manutenção da casa, educação dos filhos, obtenção e administração de recursos que garantam a sobrevivência, não raro são determinantes de uma falta de autonomia e da busca de novos relacionamentos.

O IBGE (2010), por exemplo, atenta para a diversidade de composições dos grupos familiares e para as diversas razões dos arranjos desses grupos. Esses dados são fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas de áreas diversas, bem como para a compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos nas uniões atuais. No Brasil, um pouco dessa diversidade pode ser apresentada na amostragem que segue:

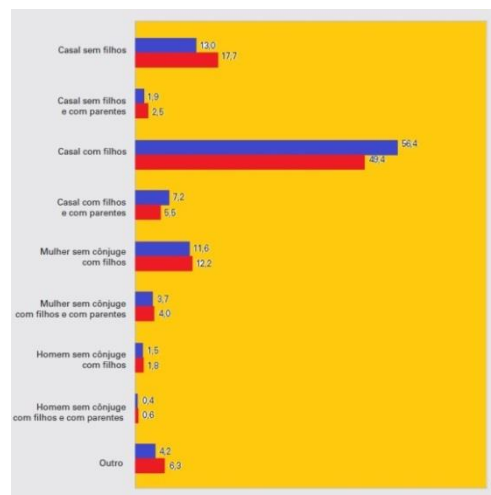


GRÁFICO 1 – Distribuição percentual das famílias no Brasil, segundo o tipo de composição familiar. Fonte: IBGE, 2010.

Ainda a título de introdução e compondo outra faceta da questão colocada, está claro que não podemos negar que os padrões de definição dos afetos e sentimentos amorosos estão sendo, como aponta Baumann (2004), rebaixados e “liquidificados”. Segundo o autor, isso impõe às relações características como a pressa e a busca pelo prazer e pela satisfação instantâneos e imediatos. Também determina que hoje em dia experiências passageiras estejam sendo chamadas de amor sem que tenham muito significado na história de vida das pessoas envolvidas. Mais do que isso ainda, a abundância e a disponibilidade repentinas de um grande número de experiências têm criado a ilusão de se adquirir, por meio delas, uma habilidade crescente de amar, quando, na verdade, o que acontece é uma espécie de desaprendizado do amor, “uma ‘exercitada incapacidade’ para amar” (BAUMANN, 2004, p. 20).

Ainda que reconheçamos a veracidade de tais realidades, consideramos que elas são apenas *parte* da experiência atual dos relacionamentos afetivos. Embora elas nos interessem para a compreensão daquilo que muitas vezes está atuando nas relações nos dias de hoje, partimos, como já foi dito, do ponto de vista de que as mudanças observadas nas últimas décadas carregam também aspectos positivos relevantes para a história dos vínculos afetivos humanos.

É preciso admitir, por exemplo, que nunca as relações foram tão complexas e talvez tão profundas quanto agora, no sentido de permitir que parceiros compartilhem experiências cada vez mais abrangentes, como aquelas que tangem as esferas da vida sexual, profissional, intelectual, do sentido da vida e das trocas afetivas propriamente ditas.

Também a liberdade mais geral conquistada em tempos recentes impulsiona inúmeras novas tentativas, experimentações, questionamentos e aprendizados em vários âmbitos da vida, como os da afetividade, da sexualidade, da intimidade e do próprio relacionamento amoroso. Assim, ao invés da prevalência de modelos-padrões rígidos, hoje se descortina para homens e mulheres a possibilidade de configurar vínculos num leque mais amplo de possibilidades. Com referenciais ainda em construção e uma maior diversidade dessas configurações, podem surgir dúvidas e desafios, o que não implica necessariamente que homens e mulheres não tenham interesse ou não deem importância aos relacionamentos.

É preciso dizer ainda que, apesar de o aumento das separações e divórcios poder aparentemente representar uma progressiva desarticulação e menos esforço investido nas relações, partimos da hipótese de que significam o oposto: é possível que, ao contrário de desintegração, as sucessivas reorganizações da vida afetiva que vemos nos dias atuais, além das inúmeras configurações experimentadas nos relacionamentos, indiquem que as pessoas valorizam e almejam cada vez mais a construção de uma vida em comum, não se satisfazendo em atravessar a existência suportando relações insatisfatórias e pouco verdadeiras.

Como explicar essa situação complexa e de múltiplas facetas? Existe aí um paradoxo, conflitos, ambivalências ou ambiguidades? Nosso entendimento é de que as formas que a constituição do vínculo com um parceiro ou parceira tem assumido hoje respondem, de forma atualizada, a aspirações e necessidades do homem e da mulher contemporâneos. Enxergamos nas situações atuais uma busca de novas respostas a situações já conhecidas e a construção de formas de vínculos amorosos e conjugais que se articulem de forma mais livre com outros aspectos da vida na contemporaneidade.

Neste momento, em que, por exemplo, a consciência torna-se mais “individualizada”, a relação assume novas funções e ganha novos significados dentro do processo de vida das pessoas. Acreditamos que, uma vez que as imagens arquetípicas da união, ou *coniunctio*, tal como são entendidas por Jung e estudiosos da psicologia analítica, permanecem influenciando a busca da relação conjugal, elas continuam tendo funções e papéis essenciais no processo de desenvolvimento psíquico do ser humano. Isso também determina que no *espaço* da relação se projetem e se reflitam aspectos, em grande parte inconscientes, da psique de cada uma das pessoas envolvidas, os quais emergem em busca de reconhecimento, elaboração e algum nível de integração à consciência.

O objetivo do presente trabalho consistiu, então, em observar como ocorre a construção da conjugalidade nos dias de hoje – sua riqueza e seus desafios –, tomando para isso os símbolos que emergem na constituição dos espaços da casa como expressões de aspectos psíquicos arquetípicos mobilizados na relação conjugal contemporânea – desde os motivos, principalmente aqueles que não estão acessíveis à consciência, que levam as pessoas a se unirem e que influenciam a atração dos parceiros, até as dinâmicas de interação que têm lugar posteriormente. Buscamos, complementarmente, verificar as possibilidades de mudança da consciência para as quais apontam tais símbolos, expressos na construção da vida conjugal e na casa.

A escolha do procedimento de tomar a casa do casal como uma via privilegiada para a compreensão de aspectos da conjugalidade nos dias de hoje originou-se na ideia de que o espaço concreto compartilhado que é a casa seja significativamente representativo do espaço psíquico construído e “coabitado” na relação entre os parceiros. Dessa forma, a casa seria uma via privilegiada para observarmos uma multiplicidade de aspectos nem sempre muito evidentes e conhecidos mobilizados no relacionamento.

A isso se uniu a hipótese de que a nossa subjetividade se expressa no mundo físico que nos rodeia e o mesmo ocorre na direção inversa, ou seja, o nosso ambiente se reflete naquilo que identificamos como sendo a nossa subjetividade. Dessa maneira, a casa e a vida em comum ali vivida pelo casal são um campo rico de observação de experiências objetivas e subjetivas, em muitos de seus importantes aspectos. Estes podem ser em grande parte inconscientes e se manifestariam como símbolos na casa, podendo tornar-se conscientes se forem reconhecidos e assimilados.

A casa nos provê de símbolos eloquentes, em seus espaços, móveis, objetos, divisões, funções, funcionamento e nas experiências que envolve e contempla. Assim, ela foi tomada como um campo simbólico expressivo de inúmeros aspectos primordiais e arcaicos – arquetípicos –, inevitavelmente entretecidos com aqueles de ordem pessoal e ainda cultural e coletiva, todos combinados, influenciando e conduzindo experiências e transformações aí compartilhadas. Observada dessa forma, acreditamos que a casa pode revelar aspectos significativos, referentes às experiências da vida conjugal na contemporaneidade.

Queremos neste ponto observar que ao longo do presente trabalho a palavra “casa” estará sendo empregada com o sentido primeiro que aparece na maioria dos dicionários da língua portuguesa que é a de “construção, geralmente com um ou poucos andares, com forma

e tamanho diversos, destinada à habitação; moradia; residência; vivenda” (AULETE, 2015). A palavra vem do latim *casa* ou *casae*, que significa “choupana ou morada pobre”. Embora possua vários outros significados importantes, como domicílio e lar, ao nos referirmos à casa que foi observada nesta pesquisa estamos falando, de fato, da edificação concreta, com suas divisões e espaços, móveis e objetos.

Este é o ponto do qual partimos para abordar a casa. Não significa, no entanto, que vamos nos limitar a ele ou deixar que nos limite. Como veremos mais adiante, em um capítulo específico, a casa, para que seja apreendida exige de nós uma compreensão mais abrangente.

Também é importante mencionar que o que estamos aqui considerando como casamento refere-se não apenas a uniões formais, mas a toda relação em que os parceiros se veem e se nomeiam como cônjuges, marido e mulher, esposos. Por fim, gostaríamos de mencionar que as relações tomadas neste trabalho, tanto no levantamento bibliográfico quanto na pesquisa de campo, foram as relações heterossexuais. O único motivo disso foi a necessidade de se fazer um recorte para a pesquisa. Consideramos que relações homoafetivas contemplam outros aspectos, que podem vir a ser abordados num trabalho futuro.

Neste trabalho, os diferentes temas pelos quais foi preciso transitar foram organizados e serão então apresentados da forma que se segue.

O capítulo 1 aborda o casamento, tanto em seus significados simbólicos, quanto no percurso sociohistórico no Brasil e no mundo.

No capítulo 2, o foco foi a casa, também em seus aspectos subjetivos e como uma experiência concreta e histórica do homem. Este capítulo aborda ainda a questão do habitar, que torna a casa viva para os seus moradores e igualmente os vivifica.

O capítulo 3 trata dos ritos, tanto em seus aspectos gerais quanto naquilo que se refere especificamente aos ritos de passagem, entre eles os de casamento. Também foram abordados os ritos de fundação, sempre buscando os processos, bem como a ação que ritos têm na vida humana.

O capítulo 4 procura expor as bases gerais da psicologia analítica e especialmente aqueles conceitos e aspectos que se referem às relações amorosas e à conjugalidade. Também tratamos aí do processo de individuação, o desenvolvimento psíquico do ser humano, que, segundo o nosso entendimento, encontra-se igualmente na base e como impulsionador da vida amorosa e conjugal.

No capítulo 5, o projeto desta pesquisa foi apresentado, com os seus objetivos, escolha de material e método, procedimentos e como foi realizada a análise dos resultados.

O capítulo 6 diz respeito à própria pesquisa de campo, numa organização do material obtido nas narrativas, fotos, desenhos e outros registros produzidos, escolhendo-se daí o que parecia mais relevante para o tema dessa pesquisa e procedendo-se à análise desse material.

Seguem-se as conclusões e as considerações finais, com uma retomada dos objetivos da pesquisa e sua relação com os resultados obtidos, bem como com a indicação de perguntas e estudos futuros para os quais este trabalho apontou e que podem dar continuidade ao que aqui foi iniciado e ampliar o conhecimento e apreensão do fenômeno da conjugalidade nos dias de hoje.

Diante da complexidade que a vida conjugal vem ganhando com inúmeras novas possibilidades, pareceu-nos essencial investigar os desafios e as dificuldades experimentadas nessas relações nos tempos atuais, bem como a riqueza e os potenciais positivos trazidos pelas novas condições. Atualizar a compreensão dos referenciais e da instituição do casamento frente às transformações socioculturais das últimas décadas torna-se importante para um melhor entendimento acerca do desejo pela relação conjugal e das formas como ele é vivido na contemporaneidade.

Esperamos que a aproximação ao tema realizada nesta pesquisa contribua para uma compreensão aberta, flexível e atualizada das configurações dos relacionamentos contemporâneos e possa trazer aprofundamentos significativos para o trabalho com tais questões, que são centrais no contexto da pesquisa e da prática em psicologia.

## 7. CONCLUSÕES

---

Nesta pesquisa a proposta foi observar a relação conjugal tal como se apresenta hoje, tendo atravessado nas últimas décadas, especialmente desde os anos 1960, transformações intensas e inéditas. O modelo da família nuclear burguesa que havia se consolidado na metade final do século XVIII e que prevalecera durante muito tempo foi abalado e transformado, e o campo que adentramos é agora composto por uma série de experiências novas e de grande multiplicidade, tanto no que se refere aos seus aspectos afetivos quanto a respeito dos arranjos assumidos nas relações, bem como naquilo que diz respeito à sexualidade.

Dois acontecimentos tiveram importância fundamental em tal processo: a revolução sexual e a emancipação feminina. A sexualidade, livre então de ter que servir à reprodução e orientada para a busca do prazer, atravessando depois a evolução dos métodos contraceptivos e das novas tecnologias reprodutivas, definitivamente se estabeleceu em uma nova posição nos relacionamentos.

A luta das mulheres por melhores condições e as conquistas de direitos relativos ao voto, ao trabalho, a melhores remunerações, ao divórcio e à proteção contra a violência e contra abusos revolucionou papéis e funções sociais e familiares. Isso acabou tendo influência também na busca por realizações e direitos empreendida por outros grupos, em especial minorias, mas de certa maneira atuou na sociedade como um todo.

Vemos, então, nos dias de hoje uma procura geral por quebrar padrões impostos e por atender aspirações mais íntimas, o que muitas vezes implica um longo processo de compreensão e de descoberta de tais aspirações. É o que se pode ver hoje no campo da sexualidade, com inúmeras novas questões relativas a gênero surgindo continuamente.

Nesse processo, identificam-se buscas em diferentes âmbitos, que lidam mais ou menos criativamente com aspectos sociais, os complexos culturais. Estes são articulados, com maior ou menor grau de consciência, a deliberações e riscos assumidos pelas pessoas em geral e, no campo da conjugalidade, pelos casais.

De toda forma, os arranjos familiares e o casamento têm expressado uma busca por novas respostas que sejam mais satisfatórias, e vemos surgir inúmeras disposições e possibilidades de

relacionamento amoroso, em relações hetero ou homoafetivas, em uniões formais ou consensuais, em casamentos com ou sem filhos e com a opção ou não pela coabitação.

É preciso apontar ainda que talvez a invenção mais recente e mais marcante relativa a essas novas experiências seja o próprio fato de que a união afetiva associa agora amor, sexualidade e realizações pessoais dentro do casamento. A paixão, a vida sexual e também uma relação mais igualitária entre homens e mulheres, ambos tendo espaço para seus projetos individuais na relação, constituem-se como fundamentos da conjugalidade nos tempos atuais e têm revolucionado, em algum nível, as formas de se relacionar.

O indivíduo na contemporaneidade se vê, então, diante de uma liberdade muito maior de compor a vida com base nesses novos parâmetros. Além disso, tem estabelecido como um dos ideais mais importantes justamente a expectativa de que o casamento e a relação amorosa, a experiência do amor na relação, se constituam como lugar de felicidade e realização plena de vida.

A casa vem acompanhando todas essas intensas mudanças. Em espaços mais definidos e com funções cada vez mais especializadas, como lugar onde cada vez mais se dá a experiência da intimidade, ela é um campo que contém e abriga os novos casais e é também parte da própria constituição da conjugalidade.

Desde os tempos iniciais em que o homem deixou de simplesmente se abrigar e passou a habitar e constituir seu lugar de moradia, no começo como um único espaço indiferenciado, claramente construído em torno de um centro que abrigava o fogo comunal, até os dias de hoje, com casas e apartamentos compartimentados, um longo caminho foi percorrido.

Nesta pesquisa buscamos tomar este momento de profundas transformações e também da crise que muitas vezes se identifica nas relações amorosas e conjugais da atualidade, suas rupturas, desconstruções, quebras, mudanças radicais e também a criação de novas respostas, para observar as riquezas e os desafios envolvidos nessas experiências.

Tendo em vista a proximidade e relação íntima entre os fenômenos do casamento e da casa, inclusive como nos aponta a origem etimológica de tais termos, o procedimento escolhido para realizar este trabalho foi observar como ocorre a construção da conjugalidade nos dias de hoje tomando para isso os símbolos que emergem na constituição dos espaços da casa.

Para isso, foi realizado um estudo de caso com um casal formado por um homem e uma mulher de menos de 30 anos, sem filhos e morando juntos em função do casamento formal. As

histórias individuais e uma forte crise do casal emergiram com intensidade durante o trabalho, criando certas dificuldades na condução dos encontros, mas, uma vez que os participantes se mantiveram dispostos a enfrentar os conteúdos emergentes e continuar participando da pesquisa, propiciaram também a revelação de condições íntimas da conjugalidade.

Esteve sempre em pauta durante o trabalho de campo e também na análise do material obtido nos encontros com os participantes a questão da restrição da amostra de um estudo de caso. Os dados obtidos não foram usados, portanto, como representativos para inferências e generalizações a respeito da teoria, ou seja, não buscamos com eles encontrar frequências e apresentar comprovações estatísticas. Em vez disso, o estudo aprofundado, sistemático e detalhado do caso possibilitou averiguar dados da teoria tomada como fundamento para a pesquisa e também a hipótese inicialmente levantada – a de que a crise que muitas vezes se identifica nos relacionamentos amorosos e conjugais na atualidade signifique também a busca por construções criativas e novas respostas a antigos problemas e condições insatisfatórias.

O estudo de caso favoreceu, em especial, o surgimento de *insights*, que foram levados em conta, tendo em vista que a participação ativa do pesquisador e de suas percepções faz parte do processo de construção do conhecimento, tal como o concebemos.

De todo o caminho percorrido até aqui, de todos os espaços visitados, perguntamo-nos quais seriam os aspectos particulares da conjugalidade nos dias de hoje que esse trabalho pôde iluminar. Diante de um campo tão rico, aberto e de tão vastas possibilidades, tentar tecer conclusões coloca em movimento um processo oposto, de fechamento e de delimitação.

Uma vez que o campo pesquisado também tem como característica uma intensa movimentação e ainda atravessa um período de significativas transformações, e como nos propusemos a observar um fenômeno da contemporaneidade, ou seja, algo em plena ebulição, outras dificuldades se apresentam nesse momento. Assim, ao invés de uma finalização e término, percebemos que podemos apenas nos despedir da visita que fizemos a este tema tentando contribuir com reflexões e imagens que emergiram ao longo da pesquisa.

Propomo-nos, então, nesta etapa final do trabalho como que uma (re)visitação a uma certa casa que nos foi apresentada. Passaremos por alguns de seus cômodos, aqueles que nos foram dados a conhecer, e falaremos um pouco deles. Não pretendemos com isso dar conta da casa/casamento como um todo, tampouco criar uma imagem geral de sua entidade, mas concluir nossa passagem por esses aposentos tecendo os comentários que forem possíveis sobre alguns deles.

Vale aproveitar essa oportunidade para mencionar outro desafio que se apresentou continuamente neste trabalho, em função da proposta de se observar simultaneamente o campo mais subjetivo da relação conjugal e o fenômeno mais concreto da casa compartilhada. Trata-se de uma dicotomia, do ponto de vista psíquico um tanto forçada, entre interno e externo e que surgiu, em especial quando foi preciso falar sobre os diferentes âmbitos das experiências vividas. Nossa concepção e linguagem, tomadas pelo dinamismo patriarcal, que tende a separar os fenômenos e organizá-los em polos opostos, não se apercebe do entretecimento que se dá entre eu e mundo, entre eu e outro. Mas isso de fato não corresponde à realidade psíquica, e tivemos que estar atentos a essa questão continuamente.

Por outro lado, levando em conta com naturalidade esse tipo de discriminação que inevitavelmente o ego faz, podemos dizer que chama a atenção as expressões “mundo interno” e “mundo externo”, usadas muitas vezes para nos referirmos a nós mesmos e ao nosso ambiente. Entendemos que, com isso, fica demonstrado que existe uma qualidade espacial em todas essas experiências.

Todos esses pontos reforçaram a ideia de que seria possível atingir o objetivo de observar a conjugalidade a partir do campo expressivo da casa constituída pelo casal participante. De fato, esse foco nos permitiu observar uma multiplicidade de fatores que se espelhavam nessas instâncias indissolúveis – a relação conjugal e a casa.

Dessa forma, com base no material colhido, foi possível conhecer diversos aspectos relativos ao tema proposto na pesquisa, tais como: os arranjos feitos a respeito da organização e da ocupação do espaço da casa, resultantes de acordos explícitos ou implícitos do casal e que apontavam também para a organização da relação conjugal; o modo como se articulavam as dimensões individual, conjugal e social nos espaços da casa; o modo como se dava a distribuição dos objetos, espaços e tarefas relativos à casa e o que isso representava na dinâmica do casal; a forma como cada um experienciava soluções cotidianas para os espaços da casa, o que achavam estar bem acomodado, o que toleravam em prol da convivência e o que se tornava intolerável ou simplesmente despertava o desejo de ser modificado; os aspectos da conjugalidade que não conseguiam expressão na casa; e os desejos e expectativas de cada um dos parceiros em relação à casa e como os conflitos apareciam na concretude do ambiente, conseguindo ser administrados ou não, o que mais uma vez refletia aspectos subjetivos da experiência da conjugalidade.

Foi também possível observar se a relação em alteridade se manifestava na constituição da casa, em que momentos e como isso se dava. Por fim, pudemos buscar articular essas observações, entendendo o que se revelava no processo de individuação de cada parceiro e também no processo de constituição da conjugalidade.

Tomando o aspecto da sincronicidade do encontro com as experiências que o casal participante nos trouxe por excelência e dando o devido valor a esse fenômeno sutil que coloca em foco aspectos não casuais nem causais, queremos destacar, no entanto, cinco fatores como os que mais se sobressaíram ao longo de todo este trabalho. São eles: (1) a falta de encantamento referida pelo casal no início da relação, que acabava interferindo no estabelecimento da união; (2) a decisão de se casarem, incluindo aí a aceitação do ritual civil e religioso do casamento, tomados por motivos pouco claros, o que, depois, diante das situações de grande conflito e dos desentendimentos que vivem, muito os surpreendeu; (3) a magnitude que ganhavam as emoções e conflitos, na maior parte das vezes desencadeados por motivos que os parceiros reconheciam que não tinham tamanha relevância, indicando o caráter de projeções e manifestações do aspecto numinoso dos arquétipos; (4) a ausência de menção à vida sexual ao longo dos encontros; (5) a decisão de continuarem buscando a relação, ainda que enfrentando as grandes dificuldades que relatavam.

Na casa, esses aspectos se manifestaram de forma contundente. Estabelecemos algumas relações que gostaríamos de agora expor a título de conclusão. Elas são o resultado de um olhar que buscou abarcar as histórias individuais de cada parceiro, do casal e também da conjugalidade, tal como pudemos observá-la enquanto experiência da atualidade. Apresentaremos tais relações referenciando-nos mais uma vez à casa. Elas estão, portanto, organizadas em relações aos espaços que pudemos visitar tanto concretamente quanto por meio das narrativas e imagens colhidas nos encontros.

### ***O encantamento que dá início ao relacionamento e a entrada da casa***

Vimos o quanto os pórticos, portais, portões e portas têm caráter simbólico de grande importância, referindo-se a passagens concretas e também subjetivas, entradas e saídas e, portanto, também a começos e términos, ao nascimento e à morte. Ao atravessar uma porta, deixamos um ambiente e penetramos em outro de natureza diferente. Podemos deixar a rua e entrar num lugar privado ou deixamos um lugar profano e entramos num templo sagrado

ou vice-versa. Da mesma maneira, podemos penetrar ou deixar uma floresta, um país, a cidade, o bairro e assim por diante.

Analogamente, vimos que a vida acontece no transcurso de diversas passagens, em geral momentos de forte carga emocional, como a passagem da infância à adolescência e depois à idade adulta e posteriormente à velhice, além de transições para diferentes papéis e condições de vida, como a própria passagem da vida de solteiro para a vida conjugal.

Apontamos como Liz e Márcio apresentavam alguma dificuldade de deixar relações anteriores, demonstrando não estarem realmente disponíveis para os novos relacionamentos e para a nova condição de vida. Percorrendo a história de vida de cada um, foi possível observar certas dificuldades de efetuarem passagens, concluir estágios, deixar condições anteriores em direção a uma nova realidade. A própria decisão de se casarem se deu num clima de certo adormecimento, em que os dois não se aperceberam da decisão que estava sendo tomado nem das implicações reais dela.

*Não deixe portas entreabertas.  
Escancare-as ou bata-as de vez.  
Pelos vãos, brechas e fendas  
passam apenas semiventos,  
meias verdades  
e muita insensatez.*

Cecília Meireles

Os dois relataram que não houve um encantamento inicial entre eles. Ainda assim, seguiram em direção à vida em comum e à casa coabitada. Da mesma forma que o encantamento que propicia uma entrada mais decisiva na relação não foi vivido, a entrada na casa também foi desprovida de magia. Ao contrário, a entrada não planejada rompeu o encanto ou uma certa cerimônia em relação ao local inviolado de até então. Mesmo o ritual do casamento em si, a entrada na nova condição, não foi impregnado de um significado mais pleno ou de um significado compartilhado.

A relação se ressentiu disso. No momento em que ainda não tinham uma casa disponível para eles, foram para a casa provisória, uma expressão provável da condição do próprio relacionamento nessa etapa: algo que estava sendo preparado ainda, onde não havia prontidão e estrutura suficiente para que atravessassem certos desafios. Ali acontece, então, uma forte cisão. A casa é o lugar onde se manifesta o sintoma de um vínculo que sofre com algumas grandes carências.

Lembremos que, como aponta Jung (1925-2008), para que exista um relacionamento com trocas psíquicas é preciso que haja algum nível de consciência. Em estado inconsciente, não é possível que se estabeleça relacionamento. Embora não exista uma inconsciência total, inconsciências parciais influenciam e reduzem a capacidade de construção de um relacionamento psíquico.

Quando começam a surgir na criança as ilhas de uma consciência coerente – consciência do “eu”, distinto do outro – é que começam de fato a aparecer os primeiros vínculos.

Nas lacunas dessa consciência, ou seja, nas regiões da vida psíquica onde reina algum nível de inconsciência nenhum relacionamento se estabelece e “ali reina ainda o estado inicial da identidade primitiva do ‘eu’ com os outros” (JUNG, 1925-2008, p. 168). Desconhecendo motivos e impulsos, sem discriminar o que é do eu o que é do outro, embora as pessoas envolvidas pensem estar conscientes e imaginem que estejam fazendo escolhas, não estão livres. Isso se expressa numa sensação de certa “coação do destino”, sobre o que Jung já falava e que foi repetidas vezes referida pelo casal.

De toda forma, o importante e que devemos levar em consideração é que o fluxo da energia psíquica é gerado pela polarização. A atração em direção a um objeto desejado ou a repulsa em relação a um objeto odiado indica que fomos capturados pelo drama dos opostos e que a psique foi posta em movimento. Dito de outra maneira, os aspectos polares tanto podem se confrontar por hostilidade quanto se atrair por amor. Tais processos de confronto ou atração podem aparecer nas imagens simbólicas vindas do inconsciente, como também podem ganhar expressão nas experiências pessoais mais conscientes.

Esse processo por si não gera, no entanto, consciência. Ele pode ser uma mera repetição compulsiva e autônoma em que não há desenvolvimento. É apenas quando algum nível de aceitação e a possibilidade de suportar a experiência dos opostos surgem que o caminho para alguma consciência se abre.

O casamento, do ponto de vista de uma instituição patriarcal, pode estar falindo. Porém, quando levamos em consideração a questão dos opostos, é possível ver nele uma oportunidade que ainda se mantém como uma experiência muito rica. O amor, com as temáticas de fusão e diferenciação, que inevitavelmente se alternam ao longo de um relacionamento – há momentos de prazer e de forte união e momentos em que se coloca com

intensidade a necessidade de se fazer separações –, continua sendo um forte propulsor para esse tipo de experiência.

Se esses processos forem devidamente reconhecidos e articulados, eles podem promover uma ampliação da consciência e certamente se tornar de grande importância no processo de individuação dos parceiros. E a conjugalidade é um campo, por excelência, em que tais dinâmicas são postas em movimento. No casamento é possível se deparar com o oposto e com ele interagir.

### *Decisão de casar: a convivência e a sala da casa*

Vimos que, na história, as salas surgiram e ganharam vida como espaço de convivência. A luz elétrica, um derivado do fogo inicialmente central, propiciou encontros em momentos que estendiam os dias para além das horas de trabalho. Surgiram as tertúlias, os jantares, a sala de estar, as visitas noturnas, os saraus.

Liz e Márcio têm experiências particulares com as salas das casas de infância. Desprovidas de móveis, pouco habitadas, despertando medos e solidões, elas são parte do ponto de partida das histórias individuais, e eles caminham para a vida a dois e para a casa coabitada com o desafio de estabelecerem uma convivência desconhecida nas famílias de origem e nesses ambientes-experiências.

*Esperava na sala de espera  
Estava na sala de estar  
Jantava na sala de jantar  
Um dia subiu na sala vazia*

Arnaldo Antunes

Conseguiram estabelecer a sala da casa como o melhor lugar para estarem e desfrutarem a companhia um do outro. No entanto, é também na sala onde os maiores atritos aconteceram.

O caráter dramático que as brigas tomavam para Liz e Márcio dá indicação de que, nesses momentos, seus fortes complexos faziam com que eles fossem tomados pelo caráter numinoso dos arquétipos. A alma projetada na parceira e o animus projetado no parceiro têm esse poder tremendo.

Se a personalidade consciente se deixar aprisionar pelas ligações inconscientes e manifestações dos arquétipos e não conseguir opor resistência ao envolvimento aí produzido, manifesta-se uma personalidade parcial e relativamente autônoma que exerce influências perturbadoras. É quando acontecem, então, as projeções. Sendo projetados, anima e animus multiplicam todo tipo de ilusões, “criando inextricáveis envolvimento nas pessoas e nas coisas” (JUNG, 1999, p. 158).

A anima inconsciente é um ser nitidamente isento de relação e é auto-erótica, ela nada busca a não ser apoderar-se totalmente do indivíduo. No caso do animus o que lhe falta é discriminação.

Apenas se houver uma dissolução das projeções de anima e animus, é que eles assumem sua função de relação entre consciente e inconsciente, voltando a ser o que eram antes, imagens arquetípicas, que funcionando em seu melhor potencial, beneficiam o indivíduo.

Para o homem e a mulher poderem se ver de fato, as projeções da anima e do animus precisam diminuir, isto é, precisam ser reconhecidas em algum grau como projeções e é necessário que se lide com elas como tal. Quando o marido olha para a mulher e vê a sua própria anima e quando ela olha para ele e vê o seu próprio animus, ambos estão tomados por imagens fantásticas e a dimensão de tudo o que ocorre a partir daí é arrebatador. A violência, a destruição subjetiva e concreta das alianças, os espelhos quebrados na casa e também a intensidade dos momentos de reconciliação são decorrentes desse fascínio e poder dos arquétipos.

Quando há uma melhora nas relações com a própria anima e com o próprio animus, diminui a necessidade de se projetar esses conteúdos. Projetando-se de forma menos intensa, é possível reconhecer o outro como aquilo de fato ele: um outro ser humano, com aspectos conscientes e inconscientes. Começa-se, dessa maneira, a se estabelecer uma relação em alteridade.

A liberdade e a multiplicidade de experiências dos tempos atuais trazem ganhos, mas também o risco de que algumas coisas sejam perdidas. Uma dessas possíveis perdas pode ser justamente o não enfrentamento do desafio de lidar com as projeções de conteúdos inconscientes. Quando eles se tornam mais intensos e dramáticos, abandona-se a relação e se começa um novo caminho. Como essas questões não foram enfrentadas, é provável que reapareçam na busca de serem dissolvidas, sanadas, resolvidas.

### *Sexualidade e o quarto do casal*

Vimos em relação ao processo gradual de compartimentação e especialização dos espaços da casa, que a primeira divisão básica separou as residências em uma ala mais social e outra mais privada. O quarto do casal surgiu, então, como o centro da parte mais íntima. Ele era e continua sendo o lugar de maior importância e, podemos dizer, o irradiador da vida familiar, tal como o próprio casal. Nele acontecem as várias dinâmicas do par conjugal, as quais influenciam toda a família.

É muito interessante pensar que na cama de casal duas pessoas, até então estranhas uma para a outra, deitem-se e compartilhem não só a vida sexual, conversas e afetos, mas também os momentos de inconsciência do sono. Lado a lado, colocam-se duas pessoas em estado de inconsciência. Tomamos isso como um símbolo da vida conjugal, no sentido de que talvez seja inevitável que os parceiros, numa relação tão íntima e animada por arquétipos relativos à união, inevitavelmente coloquem em pareamento seus conteúdos inconscientes.



FIGURA 15 – *Quarto vermelho (dos pais)*, de Louise Bourgeois, 1974. Nessa instalação só é possível enxergar o espaço interior por pequenas frestas, uma porta ligeiramente entreaberta e alguns espelhos. A artista cria, com isso, um clima de mistério e curiosidade e até de certo medo.

Aí se conjugam todo tipo de fantasias, imagens, desejos, forças, formas, registros de experiências, que por um motivo ou por outro agora vivem em grande parte inconscientes, dormitando em espaços mais íntimos do ser.

Também a cama é espaço privilegiado para a vida sexual. Como dissemos, esse tema muito pouco veio à tona ao longo dos encontros com o casal participante. Perguntamo-nos

durante algum tempo se teria sido por algum tipo de embaraço ou receio de abordar o tema. Embora, tendo havido nas últimas décadas um movimento revolucionário a respeito das questões relativas à sexualidade, esta seria uma possibilidade.

Perguntados já nos últimos encontros sobre os motivos de não terem mencionado esse assunto, a resposta dos participantes foi a de que essa era uma experiência positiva para eles, onde não havia muitos conflitos. Quando estavam brigados, obviamente acontecia um afastamento, mas à medida que iam retomando o vínculo e superando dificuldades, percebiam o desejo surgir novamente, e a vida sexual era restabelecida. Refletiram nessa conversa que tinham ficado mais tomados pelos temas difíceis e não mencionaram com mais frequência aspectos a respeito dos quais se entendiam bem.

Levantamos, com isso, duas hipóteses. A primeira é a de que essa possa ser uma afirmação parcial sobre o assunto, com a qual outros aspectos ficariam encobertos, como a própria insegurança de abordar com liberdade um tema mais íntimo ou a dificuldade de encarar certos aspectos pessoalmente difíceis da questão, que podem de fato existir.

A segunda possibilidade é a de que a pesquisa tenha encontrado nisso uma dificuldade particular. Consideramos que seja mesmo possível que, tomados pela forte crise que viviam, os participantes não tenham podido abordar mais livremente outros temas do relacionamento. Nesse caso, o estudo de um único casal não nos permitiu ter material suficiente para desenvolver uma análise mais ampla sobre o tema da sexualidade, por exemplo, e como ela se dá nas relações conjugais na atualidade.

De fato, é possível que as duas hipóteses se combinem. Também consideramos que o tema da sexualidade é muito vasto e que mereça uma pesquisa que o enfoque de forma mais específica.

### *Um olhar ao longe, para o mundo e para o futuro – a varanda*

A varanda é o lugar de onde se olha para fora e para além do momento presente. Colocada à frente da casa e dando para a rua, pode ser um lugar de simplesmente se estar. Não tem função de abrigar tarefas, mas tão somente permite que as pessoas ali permaneçam, eventualmente recebam amigos, conversem. É um lugar onde se quedar, contemplando.

Liz e Márcio, mesmo diante dos desafios dos conflitos vividos, quando olham para o futuro querem tentar estar juntos. Ainda estão dispostos a confrontar as dificuldades, buscar recursos e saídas.

Supomos, à medida que as narrativas deles foram sendo ouvidas, que talvez haja a necessidade de fazer novas alianças, agora mais conscientes e mais amadurecidas. Também algumas etapas do processo de estabelecimento da relação, que talvez não tenham de fato se cumprido, precisem ser refeitas.

Hoje, quando há mais pluralidade, mais possibilidades de simetria nos relacionamentos homem-mulher e uma série de outras liberdades em relação a antigos padrões mais rígidos, pode-se viver uma ilusão de que escolhas sejam melhor realizadas. No entanto, mesmo para percorrer a abertura que se tem nos dias de hoje em relação a isso, é preciso que alguns parâmetros sejam estabelecidos e se mantenham; é preciso muito trabalho.

Dessa maneira, uma perspectiva simbólica e criativa a respeito dos rituais, tal como eles são vistos na psicologia analítica, mostra que há aspectos de suas funções e ação que não podem ser menosprezados e dos quais não se pode abrir mão. Uma das coisas que foi possível observar nesse trabalho é que, mesmo nos dias de hoje, prescindir de um ritual criativo pode gerar efeitos danosos. Os ritos de fundação e de passagem, por exemplo, apontam para aspectos que permanecem válidos inclusive atualmente e cuja importância não pode ser menosprezada.

Não é possível banalizar os processos que são postos em andamento numa união afetiva do porte de uma relação conjugal. Nesse caso, certas coisas precisam ser ainda asseguradas e estarem bem canalizadas. Encontrar suportes e bases mais firmes continuam sendo condições para boas experiências.

A passagem para a coabitação é também um momento importante, que talvez não seja considerado como tal. Poucas passagens, na verdade, são enfrentadas com a adequada consciência. É possível que atualmente essas transições acabem não ocupando o espaço que deveriam ter ou que não exista a percepção da real dimensão do seu significado. As experiências tornam-se, então, rasas e desconsideradas em sua profundidade. Contudo, isso não exclui seus aspectos complexos e profundos, os quais inevitavelmente farão suas manifestações.

Por exemplo, a casa provisória depois do casamento do casal participante pode ter sido uma espécie de reparação de uma necessidade não atendida de atravessar etapas de

enamoramento, de noivado, de preparação para o casamento. Nas narrativas que eles trouxeram apareciam outras dificuldades com limiares.

Podemos nos lembrar aqui da imagem de Freitas (1987) sobre os ritos de iniciação, que os toma como sendo válvulas, que facilitam a passagem, o seguir adiante e impedem o retrocesso. Embora o casal participante tenha realizado a cerimônia do casamento nos moldes tradicionais, parecem não ter dado conta dos aspectos postos em movimento com isso.

A mudança para uma casa em comum, da maneira como é realizada atualmente, também dissolve fronteiras entre diferentes estágios e não simboliza uma passagem importante. De forma análoga, tem se tornado fato habitual que muitas festas em torno do momento do casamento sejam realizadas, diluindo e pulverizando assim o potencial do que seria um rito criativo. Pudemos perceber pelos percursos deste trabalho, que esta maneira atual, em que se desprezam os rituais ou executam-se vários ou nos quais é perdida a experiência do significado, não dá conta das funções originais que os ritos têm. Ao mesmo tempo, outros suportes, como, por exemplo, uma proximidade maior com o grupo social, também são perdidos.

O ser humano da atualidade vê-se, nesse sentido, numa condição de relativo desamparo. Construir sua casa no mundo, com fundações bem estruturadas, limites bem definidos, sólida proteção oferecida por suas paredes e telhados, mas também com aberturas suficientes e saudáveis, além de cômodos e passagens em funcionamento adequado e favorável parece ser, de fato, uma tarefa cada vez mais atual. Ela se refere ao habitar, ao ser no mundo, e, portanto, ao individuar-se. A conjugalidade se mostra ainda como um caminho privilegiado para esses processos.

A título de síntese e a fim de irmos efetivamente nos encaminhando para o final dessa visita, gostaríamos de apresentar uma última vez parte do material colhido nas ricas entrevistas e narrativas do casal participante, agora no traçado de um esquema simbólico, onde buscamos representar a casa concreta com seus cômodos e as áreas da relação, com as zonas de intersecção e distanciamento do casal. Vejamos no esquema que se segue:

**HALL DE ENTRADA:** na infância, lugar de onde Liz avistava uma casa relativamente vazia; na experiência de Márcio talvez seja equivalente ao espaço de transição entre as duas casas originais, o que se constitui para ele um lugar de mistério.

A entrada da casa é hoje a área que talvez esteja mais envolta em conflitos; é onde se briga por causa dos sapatos que trazem sujeira de fora, ambiente também dos espelhos quebrados e o lugar que simboliza ainda a entrada mal coordenada do casal na casa em comum; pode representar e ativar os fantasmas de cada um e refletir constantemente para os dois a entrada que fizeram no casamento.



SALA

**COMIGO-NINGUÉM-PODE** - planta que se adapta facilmente às mais diversas condições ambientais e costuma ser cultivada por conta da crença de que absorve e destrói energias ruins do ambiente; no entanto, é uma planta que contém substâncias muito tóxicas. Demanda de Liz e Márcio esforços de negociação com suas características.



SALA

**SALAS DA INFÂNCIA:** para Liz, lugar inabitado e vazio, com poucos móveis e objetos significativos; para Márcio, um lugar de organização extrema, onde ele se esmerava, por exemplo, penteando o tapete.

**A SALA HOJE:** lugar onde Liz e Márcio mais gostam de estar e onde compartilham momentos de boa convivência, interação, relaxamento e prazer, conversando, ouvindo música, tomando vinho; parece ser uma das áreas mais positivas da casa, principalmente por representar transformações afetivas e superações importantes do casal em relação às casas da infância e às experiências nas famílias de origem.



QUARTO

**QUARTO DOS PAIS:** para Liz, lugar de mistério e inquietamento; Márcio não menciona sua percepção deste lugar.

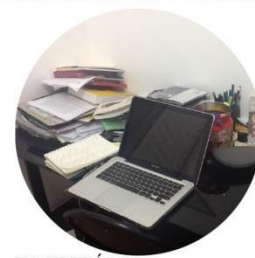
**O QUARTO HOJE:** idas e vindas; às vezes, estão juntos ali, às vezes decidem se separar.



**ÁREA DE SERVIÇO HOJE:** lugar representativo do trabalho de manutenção da própria casa; alguns incidentes e descontentamentos de parte a parte acontecem aí, como nos episódios da divisória e do cano de água furado; talvez precisem dar atenção ao fato de que é necessário amadurecer para lidar com mais naturalidade com os transtornos e com o trabalho que uma casa representa; área que provavelmente simbolize parte da transição para a vida adulta e a tarefa de assumir novas responsabilidades.

**ENTORNOS HOJE:** lugar de difícil acesso para Liz por causa da ladeira e da favela; Márcio consegue novamente um espaço de contemplação; o casal faz acordos que possibilitam a chegada dos dois ao apartamento, vivendo atribulações, mas também acertos quanto a isso, já que apenas Márcio dirige e muitas vezes tem que buscar Liz nos lugares aonde ela consegue chegar; auxiliam-se nisso e novas chegadas à casa vão sendo constantemente construídas

**ESCRITÓRIO DO CASAL HOJE:** estranham-se neste lugar; um não gosta da disposição e da organização que o outro dá às suas coisas; local de trabalho: é possível que não se admirem mutuamente no que se refere a isso ou não gostem do que o outro faz?



ESCRITÓRIO

**QUINTAIS DA INFÂNCIA:** para Márcio, espaço rico de experiências e um lugar de contemplação; para Liz, espaço não habitado, ocupado apenas pelo animal de estimação que sentia falta de afeto.

**VARANDA HOJE:** plantas num complicado sistema de irrigação, estante que bloqueia a visão para o mundo, namoradeira e rede onde o casal desfruta a companhia um do outro.



VARANDA



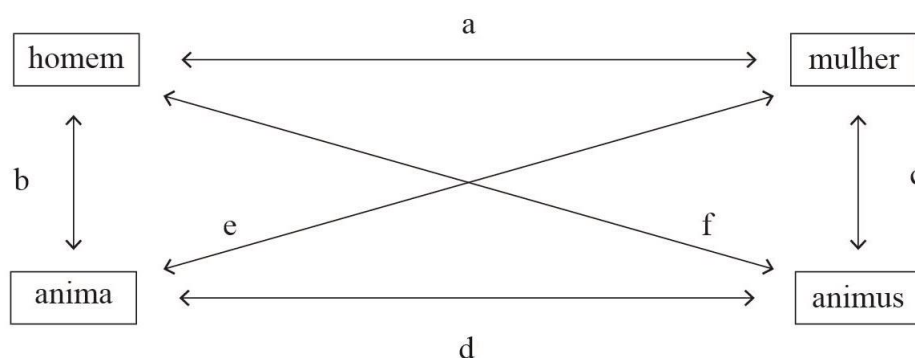
VARANDA



Queremos, por fim, retomar a ideia do quartérnio do matrimônio. Vimos que o esquema com o qual esse fenômeno é representado gera uma figura de caráter fortemente espacial, uma imagem como que de um envoltório ou receptáculo. Este é o “espaço” ao mesmo tempo criado pelas relações estabelecidas entre duas pessoas e que também as contém. E tais relações, como também pudemos ver, vão muito além daquilo que se manifesta conscientemente e que é dado a conhecer com facilidade.

Como já apresentado, o quatérnio do matrimônio é o esquema originalmente proposto por Jung ao abordar o fenômeno na transferência, tendo sido inspirado em seus estudos sobre alquimia. Nele, é enfatizada as relações que acontecem entre os quatro aspectos destacados.

Podemos imaginá-lo como um esquema vazado, aberto, fluido, na verdade como o campo interativo onde ocorrem tais relações. Ao mesmo tempo ele é um espaço delimitado, onde circulam os vários vínculos e interações de diferentes níveis entre duas pessoas. Podemos voltar a observá-lo agora:



Outras figuras que remetem à ideia de continente ou envoltório são o útero, o universo, o vaso alquímico e a própria casa. É a conexão entre esses fenômenos que gostaríamos de por fim explorar.

Mencionamos desde o começo do trabalho que a coniunctio está representada na meta do trabalho do alquimista, que buscava em vários processos que se davam no vaso alquímico produzir a pedra filosofal. Também já dissemos que a união dos opostos é o próprio desenvolvimento da consciência.

Todos os estágios desse trabalho estão representados nas figuras do *Rosarium philosophorum*, às quais gostaríamos de nos referir brevemente agora. Embora, respeitando o escopo deste trabalho, não tenha sido possível explorar os estudos de Jung sobre essas imagens da alquimia, elas estão na base de muitos dos conhecimentos aqui referidos,

particularmente naquilo que se refere à elaboração do quaternio do matrimônio. Sendo assim, gostaríamos de ao menos mencioná-las brevemente nessas conclusões para destacar, em especial, o fato que a maioria das cenas representadas nessa série de figuras alquímicas acontece dentro de algum espaço continente: a fonte, a bacia da fonte, a mesa mortuária.

Assim, chegamos, então, a um importante aspecto do paralelo que gostaríamos de traçar neste trabalho entre as vivências do relacionamento conjugal e a casa coabitada. A casa e a própria entidade que é o casal são simbolicamente o vaso alquímico para diversos processos que se dão entre os indivíduos envolvidos na relação amorosa conjugal. Foi isso o que buscamos apresentar como imagem até aqui.

O vaso, destaca Jung, “é muito mais uma ideia mística, um verdadeiro símbolo, como todas as ideias principais da alquimia” (1944-1991, p. 249), relacionando-se especialmente à natureza de ventre e útero, que abriga, protege, nutre e gesta.

Queremos aqui poder conceber tanto a relação conjugal quanto a casa como tendo essa mesma natureza e estando ligadas, portanto, àquelas funções que o próprio Jung destaca a respeito da mãe e do útero. O que queremos dizer é que a conjugalidade e também a casa estão ligadas, dessa forma, às funções vegetativas e também ao inconsciente, ao instinto, ao que é natural e fisiológico, ao corpo que habitamos e no qual somos contidos. Por outro lado, como lugar onde se gesta e que nutre elas exprimem igualmente as bases de onde pode emergir a consciência.

Vimos em diversos mitos de criação que a figura da relação indiferenciada dos primeiros pais ou deuses, representantes do Céu e da Terra, acontecia num estado em que se encontravam em permanente abraço e numa coabitação perpétua.

Esse é o estágio inicial de evolução da consciência, o estágio em que o ego se encontra como que contido no inconsciente. Na história da humanidade, é o momento em que o ego e o homem ainda estão em estado nascente, e no nível ontológico do ser, corresponde ao período da infância, quando ainda não existe um ego reflexivo e autoconsciente e a psique se encontra totalmente aberta ao mundo e é idêntica e indistinta dele. Não há separação entre eu e mundo e existe apenas um todo único e indiferenciado.



FIGURA 16 - A fonte mercurial dos alquimistas

Para a humanidade, é com o nascimento da consciência, que se dará depois, especialmente da consciência patriarcal, que tem início a experiência da separação, da descontinuidade, do contraste e da oposição. É quando irão se separar os mundos interior e exterior. É quando também, à luz da consciência, o homem poderá reconhecer, discriminar, ter uma experiência do mundo, a qual só é possível por meio da experimentação dos opostos.

Isso corresponde tanto na história da humanidade quanto nas etapas da vida de um indivíduo ao momento em que se deixa o estado de *participation mystique* e quando surge a experiência de um ego separado, que já não mais pode experienciar simultaneamente o fora e o dentro.

Numa relação, o estado inicial, o estado de *participation mystique* pode sempre se manifestar. Ele corresponde àquela situação em que se estabelece uma identificação inconsciente entre as duas pessoas. Segundo Jung (1999) anima e animus em suas qualidades arquetípicas e como representantes do inconsciente coletivo também possuem o caráter coletivo e toda vez que se manifestam acarretam uma identificação inconsciente, ou seja, despertam esse estado de *participation mystique*. No entanto, as perturbações causadas por esse estado colocam em movimento mecanismos que podem resultar numa ampliação da consciência.

Como dissemos, o casamento é visto por muitos autores dentro da psicologia analítica como uma *opus contra naturam*, um caminho de salvação, entendido como a união com uma dimensão transcendente ou com o sentido da vida, o que basicamente se contrapõe aos impulsos egoicos ou instintivos de satisfação e bem-estar imediatos. Essa experiência, podemos entender assim, seja ela concreta ou vivida simbolicamente, tem um importante potencial de se constituir numa forma ou caminho especial de individuação para cada um dos cônjuges e, por que não, também de desenvolvimento do casal.

A conjugalidade e, não desvinculada dela, a experiência de coabitar – também aqui concreta ou simbólica, podendo se referir, portanto, tanto à coabitação em uma casa, quanto a coabitar o espaço psicológico comum estabelecido no relacionamento, na experiência de ser um casal –, estão, assim, definitivamente ligados à ideia da *coniunctio*, uma vez que a união dos opostos é a meta relativa ao nascimento da consciência. Conjugalidade e coabitação são, dessa maneira, os portadores, geradores, motivadores e caminhos para o nascimento de novos aspectos da consciência. São o útero e o vaso onde isso é gestado ou cultivado.

O que vimos, portanto, nas ricas e complexas experiências que os participantes dessa pesquisa narraram foram partes de um processo que pode resultar nesse nascimento de novas maneiras de a consciência funcionar, bem como em sua ampliação. Eles são, ao menos, a busca de que isso ocorra. Lembremos que a consciência, que é tanto causa quanto efeito da coniunctio, é produto de ambos os centros da psique, o ego e o self. São os esforços do ego que consolidam a criação da coniunctio, mas a partir do embasamento e ordenação do self.

Assim, nos relacionamentos os indivíduos são lançados forçosamente a, de um lado, viver os misteriosos entrelaçamentos inconscientes e, uma vez que eles se manifestem, dada a perturbação que causam quando não são reconhecidos como tal, a ter a psique ativada em processos homeostáticos e compensatórios que procuram por sua dissolução e uma saída.

Podemos tomar a conjugalidade como o nascimento de um novo envoltório, que agora dará conta de abrigar dois. Essa é simbolicamente a transição por todas as fases descritas anteriormente: de um estado indiferenciado inicial, a simbiose vivida inicialmente pela criança com a mãe e também com o mundo, vai nascendo um ego diferenciado e separado; este aspira depois por transcender sua própria natureza e abarcar o oposto. É uma unificação agora especial. É a queda do paraíso e o reencontro do estado de união, agora por meio da ampliação e do desenvolvimento da consciência, que poderá então funcionar em alteridade.

O casamento e a casa conjunta são representantes tanto dos motivos para que isso se dê quanto do próprio processo. Ao entrar em união com o outro se está no fundo buscando atender os anseios de transpor a condição de um ego solitário e parcial. Ao mesmo tempo, não se sabe o desafio que aí se coloca, porque então será preciso de fato transcender e constituir uma realidade mais abrangente. A casa e a conjugalidade podem ser essa entidade.

A casa do casal, como que um envoltório e continente para a experiência da vida a dois, pode ser tomada como símbolo do self do casal conjugal, um envoltório para aquilo que se busca no outro como completude da vida individual, a qual muitas vezes parece faltante, parcial, incompleta. Em sua composição, cantos, espaços, partes, objetos, diferentes funcionalidades, a casa propicia que a vida a dois ganhe consistência.

Se nos primórdios o fogo se encontrava no centro das casas, sendo usado tanto para aquecer quanto para cozinhar e iluminar, aos poucos ele foi perdendo a importância e centralidade e se deslocando para zonas secundárias e variadas das moradias. Como outras possibilidades de experiências da vida humana, o fogo se multiplicou, se difundiu e se especializou – hoje em dia há o fogo de cozinhar, o calor do aquecedor e a iluminação da

lâmpada; o ato de cozinhar, por sua vez, pode acontecer em aparatos diversos que não apenas o fogão: multiplicam-se fornos, chapas, microondas, garrafas e chaleiras elétricas, para citar apenas alguns substitutos tecnológicos do fogo mais primitivo.

Talvez todos esses elementos sejam símbolo de que, ao mesmo tempo em que o homem e a mulher contemporâneos possam se valer da diversidade e da multiplicidade de que dispõem hoje em dia, eles precisem cultivar em vários âmbitos a volta a uma centralidade e equilíbrio. Isso se expressa nas vidas individuais e nos relacionamentos. A casa é por excelência propiciadora dessa experiência: embora se constitua hoje de espaços especializados, ainda conserva centros importantes, como o quarto como centro da intimidade, a sala como centro de uma vida mais aberta para o social e para aspectos compartilhados de forma mais aberta, a cozinha como centro da nutrição e do alimento, a varanda como centro da contemplação e assim por diante.

Em suas aberturas e fechamentos em relação ao mundo exterior, a casa, o lugar de onde se sai e para onde se volta quase todos os dias, se constitui também para o ser humano contemporâneo como um exercício e experiência desse dinâmico e constante centramento.

Além disso, ela também pode ser um espaço continente para boa parte de todo desenvolvimento que se segue ao nascimento. Nela, é possível se estar em estado favorável à emergência de novas imagens, individualmente ou de maneira compartilhada, configurando-se assim o “deixar acontecer” da expressão do inconsciente proposto por Jung: sonhar e lembrar-se dos sonhos, ter insights em atividades lúdicas etc. A casa é também continente para o “considerar, engravidar”, na medida em que permite e acolhe momentos contemplativos, passivos ou durante atividades de cuidados com a casa e seus conteúdos – o que nos remete àquelas qualidades geralmente simbolizadas por Héstia –, momentos de relaxamento do ego com a possibilidade de devaneios e apelo à imaginação. E a casa é também um espaço, relativamente protegido, onde podem se dar confrontos, de cada um com seus próprios aspectos inconscientes, com aspectos inconscientes do parceiro, e também confrontos com potencial de elaboração criativa, no campo simbólico do quatérnio conjugal.

Indo ainda um pouco além, num relacionamento conjugal e numa casa coabitada necessariamente esse centro demandará ser transcendente. Se ele pretender corresponder a um ou outro ego das pessoas que compõem o casal, conflitos inevitavelmente virão.

Podemos entender que os padrões antigos tradicionais, com regras restritas e intransponíveis, embora tivessem tido uma razão de ser, impediam um movimento mais rico,

mais dinâmico e também mais complexo de negociação com essas questões. A consciência predominante era a que funcionava no dinamismo patriarcal, enquanto que atualmente há intensa busca de um funcionamento consciente no dinamismo de alteridade.

O casamento pode estar se constituindo nos dias de hoje, de fato – e claro que em algumas situações –, como uma salvação para as demandas limitadas do ego. Capturados pelo fascínio da paixão e do amor, homens e mulheres, podem, até onde lhes for possível depois, buscar se desvencilhar das limitações egoicas e reconhecer e se relacionar com polaridades que os levarão a uma experiência mais completa da vida, por meio da doação e entrega a um outro, que lhe é ao mesmo tempo familiar e estranho. A casa coabitada, embora não seja regra para os relacionamentos atuais, pode se constituir como útero e espaço de nascimento dessas novas possibilidades. Foi esse universo rico e amplo que pudemos visitar ao longo deste trabalho de pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Esta pesquisa se propôs a observar como a conjugalidade é vivida nos tempos atuais, focando em especial a riqueza e os desafios das configurações contemporâneas, e valendo-se para isso do campo expressivo que é a casa do casal a fim de aprofundar a compreensão dos conteúdos que pudessem emergir.

O trabalho com esses temas se constituiu em uma tarefa rica e ao mesmo tempo complexa, tendo sido possível observar uma forte carga emocional se apresentar, o que muitas vezes trouxe dificuldades no encaminhamento dos encontros, na manutenção das condições de pesquisa e, depois, na organização de um extenso material que emergiu por conta disso.

Ainda assim, consideramos que os objetivos gerais e específicos foram alcançados, uma vez que foi possível levantar elementos teóricos bastante significativos e, posteriormente, no trabalho de campo, recolher um amplo material que permitiu a formação de um quadro relativamente abrangente das experiências em pleno andamento na atualidade.

A metodologia empregada foi ao mesmo tempo muito adequada e também trouxe alguma possível restrição, como já mencionado, no que se refere a um ou outro tema mais específico. No entanto, consideramos que a profundidade que se tornou possível graças ao estudo de caso superou algumas possíveis limitações.

Acreditamos que diante de um tema tão vasto este trabalho seja uma semente plantada e que possa dar origem a outras pesquisas, algumas delas enfocando assuntos mais específicos, como a própria sexualidade, as formas de coabitação e opções de relações que podem se constituir como tendo ou não uma casa em comum, processos de separação, os ritos nos tempos atuais, as formas de lidar com questões práticas da vida atual, como a busca de espaço, de uma moradia, da independência em relação à família de origem têm desembocado na opção pelo casamento sem necessariamente conterem a motivação para isso, questões relativas à terapia de casal e indicações para que sejam feitos encaminhamentos para esse processo e vários outros temas que emergiram na exploração ao assunto principal durante este trabalho de pesquisa.

Muitas possibilidades tiveram que ser deixadas para eventuais etapas posteriores ou para desdobramentos da aproximação feita ao tema aqui, tanto no que se refere aos aprofundamentos mencionados, quanto à própria pesquisa bibliográfica. Os temas junguianos

do animus e da anima têm sido retomados de diferentes maneiras por autores contemporâneos e merecem, por si, uma ulterior pesquisa específica.

Em especial, queremos destacar a necessidade de novos estudos sobre a apresentação que Jung fez do *Rosarium Philosophorum*, tratado alquímico do século XVI e base para os apontamentos sobre o quatérnio do matrimônio e as questões da transferência. Igualmente há que se considerar que para o tema da união, o livro *Mysterium coniunctionis*, também de Jung, é, como o próprio autor indica, a obra essencial e deve ser cuidadosamente e várias vezes ainda explorado.

Outros autores pós-junguianos, brasileiros e estrangeiros, também têm trazido valiosas contribuições e é interessante que seus trabalhos sejam tomados em profundidade. Inclusive o campo da terapia de família e casal tem se desenvolvido muito favoravelmente dentro da psicologia analítica graças a esses trabalhos. Queremos destacar aqui Vanda di Yorio Benedito, Iraci Galiás e Nairo Vargas. O trabalho de Guggenbühl-Craig, embora não tão recente, continua sendo muito atual e vale novas e meticolosas incursões.

Consideramos que a visão de homem e de mundo da psicologia analítica seja rica para uma aproximação a um tema complexo como o das relações conjugais, podendo iluminar de forma privilegiada questões que subjazem nos relacionamentos. Assim, esperamos que se tenham aberto aqui compreensões, mas também novas perguntas, que motivem o desenvolvimento de pesquisas posteriores.

Tendo em vista que esse é um tema frequentemente presente nos processos terapêuticos e atendimentos individuais, de família e de casal, esperamos que esse estudo possa contribuir para uma abordagem criativa e aprofundada das questões vividas no âmbito afetivo, área essencial da vida humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>2</sup>

ALBERT, S. C. Conjugalidade na Psicologia Analítica. In: BENEDITO, V. L. DI Y. (Org.) **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Summus, 2015.

ALVARENGA, M. Z. Zeus. In: ALVARENGA, M. Z. (Org.) **Mitologia simbólica: Estruturas da psique e regências míticas**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2007.

ANDRADE, G. M. P. **A casa na cidade: uma leitura junguiana da experiência de jovens que moram sozinhos em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, June 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 July 2016.

ARENDT, H. **A condição humana**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981

\_\_\_\_\_. O amor no casamento. In: ARIÈS, P., BÉJIN, A. (Orgs.) **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

AULETE, C. **Aulete digital: dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 15 Dez. 2015.

AZEVEDO, L. **Problemas (pouco) familiares**. Junguiana. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, nº 11. São Paulo, 1993.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BASTIDE, R. Variações sobre a porta barroca. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 75, p. 129-137, July 2006. Disponível em:

---

<sup>2</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002006000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 Jul. 2016.

BAUMANN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BENEDITO, V. L. DI Y. **Amor conjugal e terapia de casal**, uma leitura crítica. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Terapia de casal e de família na clínica Junguiana**: teoria e prática. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 2015.

BENJAMIM, W. Paris, capital do século 19, em: **Textos de Walter Benjamin**, seleção, organização e tradução KHOTE, F. R. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

BLEGER, J. **Temas em Psicologia**. Buenos Aires: Nueva Vision. 1980.

BRANDÃO, J. **Mitologia grega vol 1**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BURDON, B. Envolvendo os homens na vida familiar: se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? In: SILVEIRA, P. (Org.) **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2012.

CAMPBELL, J; TOMS, M., **The wisdom of Joseph Campbell**, New Dimensions Radio Interview with Michael Toms, Parte I, Nova York: Hay House, 2005.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHARBONNEAU, P. E. **Sentido cristão do casamento**: ensaio a respeito da espiritualidade conjugal. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros, 1968.

DA MATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, A. M. et al. (Orgs.) **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987.

\_\_\_\_\_ Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 7-29, Apr. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132000000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 Jul 2016.

DAWSEY, J. C. Victor Turner e a antropologia da experiência. **Revistas USP**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 13, p. 163-176, 2005.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

DIBIE, P. **O quarto de dormir**: um estudo etnológico. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1988.

EDINGER, E. F. **Anatomia da psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_ **O mistério da conjunctio**: imagem alquímica da individuação. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, M. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992 (trabalho original publicado em 1954).

\_\_\_\_\_ **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (trabalho original publicado em 1957).

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Out. 2015.

FIELDING, W. J. **Estranhos costumes do casamento e da arte de fazer a corte**. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946.

FREITAS, L. V. **A psicoterapia como um rito de iniciação** – estudo sobre o campo simbólico através de sonhos relatados no self terapêutico. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_ **A máscara e a palavra** – exploração da persona em grupos vivenciais. Tese (doutorado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_ O calor e a luz de Héstia: sua presença nos grupos vivenciais. **Cadernos de Educação** (UNIC), Universidade de Cuiabá, Ed. especial, Cuiabá, 2005, p. 131-145.

\_\_\_\_\_ Conceitos junguianos. In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (org), **Jung e Reich**: articulando conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

\_\_\_\_\_ Prefácio. In: BENEDITO, V. L. DI Y. **Terapia de casal e de família na clínica Junguiana**: teoria e prática. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 2015.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global Editora, 2003 (trabalho original publicado em 1933).

GIDDENS, A. **Transformações da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRESSLER, I. J. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2007.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. **O casamento está morto, viva o casamento**. São Paulo: Edições Símbolo, 1980.

HEIDEGGER, M. Construir, Habitar, Pensar. In: **Ensaio e Conferências**. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HILLMAN, J. **Cidade & alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_ **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HUMBERT, E. G. **Jung**. São Paulo: Summus, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: famílias e domicílios: resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na Psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1986.

JACOBY, M. **O encontro analítico: transferência e relacionamento humano**. São Paulo: Cultrix, 1984.

JORDÃO, C.; LOES, J. Eu quero ficar sozinho. **Revista Isto É**. São Paulo, nº 2085, out. 2009.

JUNG, E. **Animus e anima**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991 (trabalho original publicado em 1967).

JUNG, C. G. O desenvolvimento da personalidade. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 17**. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 2008 (trabalho original publicado em 1925).

\_\_\_\_\_ O eu e o inconsciente. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 7/2**. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 2008a (trabalho original publicado em 1928).

\_\_\_\_\_ Tipos psicológicos. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 6**. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 1971 (trabalho original publicado em 1921).

\_\_\_\_\_ A natureza da psique. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 8/1**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2008b (trabalho original publicado em 1928).

\_\_\_\_\_ A vida simbólica. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 13/1**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998 (trabalho original publicado em 1928).

\_\_\_\_\_ Os arquétipos e o inconsciente coletivo. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 9/1**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002 (trabalho original publicado em 1934).

\_\_\_\_\_ Psicologia e religião. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 11/1**. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 1980 (trabalho original publicado em 1939).

\_\_\_\_\_ Psicologia e alquimia. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 12**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1991 (trabalho original publicado em 1944).

\_\_\_\_\_ Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 9/2**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988 (trabalho original publicado em 1934).

\_\_\_\_\_ Estudos alquímicos. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 13.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986 (trabalho original publicado em 1930).

\_\_\_\_\_ Ab-reação, análise dos sonhos, transferência. In: **Obras completas de C. G. Jung, vol. 16/2.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999 (trabalho original publicado em 1958).

\_\_\_\_\_ **Memórias, sonhos e reflexões.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989 (trabalho original publicado em 1961).

LE MOS, C. A. C. **História da casa brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989.

LIMA, G. Héstia. In: Alvarenga, M. Z. (Org.) **Mitologia simbólica: Estruturas da psique e regências míticas.** São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2007.

LINS, R. N. **A cama na varanda:** arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo. Rio de Janeiro: Ed. Best-Seller, 2005.

MACHADO, L. Z. **Famílias e individualismo:** tendências contemporâneas no Brasil. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 11-26, Feb. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832001000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832001000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 dez 2014.

MARCUS, C. C. **House as a mirror of self:** exploring the deeper meaning of home. California: Conari Press, 1995.

MANDELBAUM, B. L'espace famille et sa rupture: entre les souvenirs et les rêves. **Le Divan Familial**, v. 26, Paris, 2011, p. 67-75.

MINAYO, M. C. S. **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência.** São Paulo: Cultrix, 1990.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. Tese (doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, 16(3). São Paulo, 2004, p. 71-94.

\_\_\_\_\_. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung**. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PERROT, M. **História dos quartos**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

PERROT, M., ZEMON DAVIS, N., FARGE, A. **A history of women in the west: renaissance and enlightenment paradoxes**. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

PESSOA, M. S. C. **Proposta de um método de análise dos sonhos na terapia de casal**: um enfoque junguiano. Tese (doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

PESTANA, M. C. F. **O arquétipo da casa** – uma morada, um caminho. Monografia apresentada à Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica no curso de formação de analistas. São Paulo: SBPA, 2010.

PLATÃO, **O banquete**. São Paulo: Edipro, 2007.

RIBEIRO, R. M. F. **Adoção emocional em famílias de recasamento**: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados. Dissertação (mestrado em Psicossociologia). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RYBCZYNSKI, W. **Casa**: pequena história de uma ideia. São Paulo: Record, 1996.

RYKWERT, J. **A ideia de cidade** – a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RODRIGUES, A. L. **A habitabilidade do espaço doméstico:** o cliente, o arquitecto, o habitante e a casa. Tese de doutorado. Universidade do Minho, Escola de Arquitectura, Braga, 2008.

RODRIGUES, S. C. C. O fogo como centro e símbolo da casa. **Revista arq.urb**, número 15, primeiro semestre de 2016. São Paulo, 2016.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis:** o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. São Paulo: Paulus, 2002.

SCANDIUCCI, G. **Um muro para a alma:** a cidade de São Paulo e suas pixações à luz da psicologia arquetípica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SENNETT, R. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. São Paulo: Record, 2006.

SINGER, T.; KIMBLES, S. The emerging theory of cultural complexes. In: CAMBRAY, J.; CARTER, L. **Analytical psychology:** contemporary perspectives in jungian analysis. Nova York: Brunner-routledge, 2004.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SOMMERMAN, A. **A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade como novas formas de conhecimento para a articulação de saberes no contexto da ciência e do conhecimento em geral:** contribuição para os campos da educação, da saúde e do meio ambiente. Tese (Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SPESSOTO, R. Hera. In: Alvarenga, M. Z. (Org.) **Mitologia simbólica:** estruturas da psique e regências míticas. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2007.

STEIN, M. **Jung, o mapa da alma: uma introdução.** São Paulo: Cultrix, 2006.

TERRIN, A. N. **O rito:** antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.

THERBORN, G. **Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.  
TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Niterói: EdUFF, 2005 (trabalho original publicado em 1969).

ULANOV, A. B. Coniunctio e marriage. In: ULANOV, A. B. **Spiritual aspects of clinical works**. Einsideln: Daimon Verlag, 2004.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978 (trabalho original publicado em 1909).

VARGAS, N. O casamento e a família como caminho de individuação. **Junguiana. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, nº 7. São Paulo: Paulus, 1989.

\_\_\_\_\_ Casamento atual e famílias reconstituídas. **Junguiana. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, nº 24. São Paulo: Paulus, 2006.

VON FRANZ, M. L. **Patterns of creativity mirrored in creation myths**. Zurique, Spring publications, 1972.

\_\_\_\_\_ **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_ O processo de individuação. In: **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977 (trabalho original publicado em 1961).

WESTERMARCK, E. **The history of human marriage**. London: MacMillan and Co., 1999 (trabalho original publicado em 1903).

WHITMONT, E. **O retorno da deusa**. São Paulo: Summus, 1995.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2014.

ZORRAQUINO, L. D. **A evolução da casa no Brasil**, trabalho apresentado no Programa para análise de revalidação de diplomas Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.